

UM POUCO DE MÚSICA

A MÚSICA NAS MISSÕES JESUÍTICAS

Maxime HAUBERT

Através da música e do canto, chega a parecer que os missionários conseguem reproduzir na América os prodígios de Orfeu. Entre os guaranais, tudo começa pelo uso de algumas flautas que os missionários mandarão fazer, logo após a sua chegada, a fim de ensinarem música aos seus pequenos alunos. A verdadeira música, porém, com o seu luzimento e os seus encantos, só será introduzida pelo padre Jean Vaisseau, de Tournai, chantre dos arquiducos Alberto e Isabel. Em seguida, surge o irmão coadjutor Luís Berger, originário de Abbeville. Trata-se de um violinista exímio, o qual, a partir de 1662, ensina a sua arte aos estudantes de Santo Inácio Guazu. O êxito ultrapassa toda a expectativa, e de toda a parte são requeridos os serviços deste mágico: “Apenas com o seu violino, converte inúmeros infieis.” Como lhe faltam cordas, escreve para Roma queixando-se de tal. O padre-geral responde-lhe logo: “Já as mandei comprar e enviar-lhas-ei com esta carta”. É igualmente pintor e escultor. Foi ele quem pintou o quadro que representa os sete arcanjos levado pelo padre Ruiz de Montoya quando vai procurar converter o feroz Tajaoba. Depois de ter ensinado o canto, a música, a dança e a pintura em todas as reduções, parte para o Chile (de onde o solicitam para ver se consegue amaciar os araucás, em guerra contra os invasores, os quais não foi possível dominar durante dezenas de anos, apesar dos esforços conjugados dos soldados e dos missionários).

Alguns anos mais tarde, os ofícios são realçados em toda a parte pelo esplendor dos órgãos, dos fagotes, dos cornetins, das violas, das harpas, das cítaras, dos arrabis e dos flautins. E os meninos do coro cantam e dançam com tanta graça que poderiam apresentar-se diante do próprio rei. Por isso mesmo, quando o padre Ruiz de Montoya vai a Madrid, em 1638, a fim de defender a obra dos jesuítas perante o poder real, aproveita a ocasião para comprar grande quantidade de diversos ornamentos para o culto, estátuas e quadros e também alguns instrumentos musicais, um órgão inclusive.

Outras tantas maravilhas opera a música, entre os nômadas. Quando o padre Dobrizhoffer, vindo da Europa, chega a Buenos Aires, o colégio dos jesuítas recebe a visita dos chefes pampas, no intuito de solicitarem do governador a liberdade dos prisioneiros. Para divertir um deles, o futuro missionário toca viola-de-amor. Conquistado, o cacique suplica-lhe que o acompanhe até à sua redução e vai mesmo falar a esse respeito com o padre provincial. Quanto ao padre Paucke, manda vir das missões guaranis vários instrumentos musicais. Mas não deixa de haver certos incidentes por causa disso. O petiz mocobi, encarregado de transportar o cornetim de Santa Fé, fá-lo em pedaços para assim o poder transportar mais facilmente em cima do cavalo. No fundo, porém, o jesuíta acha-se plenamente recompensado do seu trabalho, porque, passados seis meses, os seus alunos fazem ótima figura na igreja. Os pais dos músicos rejubilam e a assistência à missa torna-se cada vez maior. Até aqueles que não foram batizados, lá vão todos os dias ouvir a música celeste. "Em suma - diz o padre Paucke, -, os músicos são o chamariz de que os missionários se servem para atrair os paroquianos à igreja." E, daí em diante, se os pequenos mostram má vontade em ir à catequese ou à escola, são os próprios pais que os abrigam a lá ir.

Se recordamos a importância capital da música e da dança nos ritos coletivos e individuais, o lugar excepcional que lhes é concedido nas diligências efetuadas para se atingirem a "terra livre de todo o mal" em nada nos poderemos admirar pelo fato de as mesmas tanto haverem favorecido os progressos da evangelização. Logo desde os primeiros contatos, os missionários conseguiram, muito freqüentemente, encantar os pagãos com a oferta de guizos e matracas. Mas são os jesuítas músicos, principalmente, que surgem como xamanes de poderes extraordinários. A sua presença torna-se um benefício para os povos e cada índio que aprende as melopéias cristãs acrescenta algo ao poder mágico da sua pessoa. Pois não será a voz dos espíritos que penetra nos padres brancos por intermédio da música? Conta o padre Du Toict a maneira como um grupo de selvagens caiguás foi recebido na redução da Santa Maria de Iguazu. "Todos se esforçam por os divertir o melhor possível. Entre outras coisas, tocou-se em sua honra o nosso sinozito, o que muito os maravilhou. Chegavam a pensar que o sino falava. E - coisa bastante curiosa! - esses indivíduos que até então apenas tinham ouvido os gritos dos jaguares e os bramidos de outras feras, começaram a dançar e a dar cambalhotas logo que os sons da nossa música lhes chegaram aos ouvidos."

(A vida cotidiana no Paraguai no tempo dos jesuítas, pp. 133-135. Trad. de Virgínia Motta. Lisboa, Edições "Livros do Brasil", s. d. Coleção "A vida cotidiana", v. 33).